

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
DEPARTAMENTO DE MÚSICA DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “ARTE NA EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA”

## **TEATRO E CIDADANIA: UM EXPERIMENTO**

ANA LUISA AUN

SÃO PAULO - SP  
2020

ANA LUISA AUN

**TEATRO E CIDADANIA: UM EXPERIMENTO**

Monografia apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Especialista em Arte-Educação.

Orientador: Prof. Dr. Samir Signeu Porto Oliveira

São Paulo - SP  
2020

## DEDICATÓRIA

Para minha mãe, Geisa Aparecida Marin Aun, pela força e inspiração que sempre transbordou em seu ofício de professora.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Geisa Aparecida Marin Aun, e ao amigo Arthur Coutinho Moreau.

Ao meu orientador Samir Signeu Porto Oliveira e a todos os meus colegas de classe.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1. CIDADANIA NA ESCOLA: UMA PERSPECTIVA ATRAVÉS DE TRÊS VALORES.....</b>	<b>9</b>
IGUALDADE .....	10
LIBERDADE.....	11
PARTICIPAÇÃO .....	13
<b>2. O TEATRO NA ESCOLA .....</b>	<b>15</b>
<b>3. EXPERIMENTO COM OS ALUNOS.....</b>	<b>20</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>27</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>28</b>
DEPOIMENTOS DOS ALUNOS.....	28

## RESUMO

A partir dos desafios aos quais a escola é chamada a enfrentar atualmente, em um cenário de desigualdade social e onde os direitos humanos são violados constantemente, é que este trabalho se propõe refletir de que maneira o teatro pode colaborar para a construção da cidadania no contexto escolar. Valores como liberdade, igualdade e participação, presentes no ensino de teatro, são os pressupostos que constituem uma possível cidadania plena e são também fatores que foram aplicados e colaboraram com os resultados dessa pesquisa.

**Palavras-chave:** Teatro. Educação. Cidadania. Liberdade. Igualdade. Participação.

## INTRODUÇÃO

O teatro na escola é de extrema importância para os alunos, quando se propõe a ser um caminho de descoberta e transformação do indivíduo e do meio onde ele está inserido. O corpo é o principal instrumento nesta trilha, é nele que o praticante de teatro reconhece suas travas, potencialidades, desejos e pensamentos que lhe são próprios. É nele também que se dá a superação das travas, o aprimoramento das potencialidades, a concretização de desejos e a manifestação das ideias. É através do corpo que o indivíduo sente, elabora e transforma a realidade ao seu redor. Esse indivíduo não está só, pertence a uma sociedade que gerou muitas conquistas coletivas, outras que existem apenas no papel e todos somos afetados pelo sucesso dessas conquistas como também somos prejudicados pelo fracasso delas, por isso a importância de entender, refletir e gerar ações cidadãs.

Este estudo pretende analisar, em linhas gerais, quais são os desafios da escola frente ao panorama da desigualdade social e de que forma o teatro pode colaborar para a construção da cidadania. Mais especificamente, esse trabalho pretende verificar como as práticas nas aulas de teatro do colégio Friburgo, na Zona Sul de São Paulo, em Santo Amaro/Granja Julieta no período letivo de 2019 com alunos de sétimos e oitavos anos, abordaram a questão da cidadania. Para isso, analisamos como os valores de igualdade, liberdade e participação apareceram no processo do fazer teatral.

Essa tríade – liberdade, igualdade e participação – foi apresentada, no livro *Cidadania no Brasil: um longo caminho*, escrito pelo historiador e cientista político José Murilo de Carvalho, como os três elementos fundamentais que constituiriam uma possível cidadania plena. O autor afirma que a ideia de cidadania plena é utópica, mas que, mesmo assim, tem servido para medir a qualidade da cidadania em países do Ocidente.

Para seguir neste caminho, recorreremos aos autores José Murilo de Carvalho, mencionado anteriormente, e ao jornalista e escritor Gilberto Dimenstein, para refletir sobre o panorama da desigualdade. À educadora e pedagoga Maria Vera Candau e ao educador e filósofo Paulo Freire, que analisaram e refletiram

sobre os desafios da educação frente a essa complexa realidade. John Dewey, que analisa o caminho e a potência de uma experiência estética - como o teatro pode vir a ser – e Viola Spolin, que sistematizou os Jogos Teatrais permitindo o acesso a qualquer pessoa que deseje experimentar o teatro, além de apontar caminhos para fazê-lo.

Além disso, vamos acompanhar o experimento realizado com alunos de sétimos e oitavos anos do colégio Friburgo no período letivo de 2019. O relato das atividades realizadas durante as aulas, a escolha da peça, sua construção, o texto final e descrição dos alunos sobre todo o processo (Anexos).

## 1. CIDADANIA NA ESCOLA: UMA PERSPECTIVA ATRAVÉS DE TRÊS VALORES

A ideia de que o processo de ensino-aprendizagem na escola deveria ser pensado para preparar alunos para a vida que os espera lá fora é equivocada. O dia-a-dia da escola é a própria vida acontecendo e não um ensaio para ela. Desde a mais tenra idade, o aluno aprende, na escola, coisas sobre si mesmo, sobre o outro e sobre as áreas do conhecimento que compõem nossa realidade: ciências exatas, humanas, artes, esporte, entre outras.

Educar é um ato que exige elaboração, afeto e resistência, no qual o foco deveria ser a construção de cidadãos preparados para pensar e agir em prol da coletividade, visando o bem comum, para que construíssem uma sociedade justa, sustentável, onde as condições de vida fossem dignas para todos. Há desvios no percurso desse caminho, é fato.

A escola, muitas vezes, reproduz o que o sistema lá fora espera dela: criar indivíduos prontos para o mercado de trabalho, e mergulhá-los na lógica da competição. Essa engrenagem problemática, já movimentada na escola, e a ideia onde cada um garanta seu emprego numa boa empresa, só tende a aumentar a desigualdade social. Nas palavras de Vera Maria Candau:

A escola, que deveria exercer um papel de humanização a partir da aquisição de conhecimentos e de valores para a conquista do exercício pleno da cidadania, tem muitas vezes favorecido a manutenção do *status quo* e refletido as desigualdades da sociedade, reforçando as diferenças entre ricos e pobres.  
(CANDAU et al, 1995. p. 14).

Ter uma escola voltada para o ensino de valores que despertem a sensibilidade em relação ao outro nunca poderia ser negligenciado, mas não é o que acontece. Mesmo com tanta discussão em torno dos direitos humanos, eles não deixaram de ser infringidos.

Para se falar em cidadania na escola, é necessário fazer uma breve leitura da cidadania fora dela. Afinal, uma é espelho da outra. Aqui, vamos analisar três aspectos da cidadania: igualdade, liberdade e participação.

## IGUALDADE

É fato que muitos direitos só foram conquistados no papel e, na prática, eles não funcionam para todos. Existe uma seleção de determinados grupos que foram beneficiados ao longo da história e outros que são totalmente desprovidos de seus direitos. Essa desigualdade é uma das marcas da história do Brasil, visto que são muitos os casos de segregação por raça, religião, gênero e condição social. A história nos mostra que a relação entre os grupos mais diversos de pessoas sempre foi estabelecida com muitos julgamentos entre eles, divergências sobre o que seria o bom e o que seria o mau, do que seria superior e o que seria inferior, trazendo nessas dicotomias uma desigualdade que foi e ainda é naturalizada.

Essa herança produziu muitas cicatrizes que permanecem atuais. Esses fatos se revelam, na sociedade, na falta de oportunidades para determinados grupos e excesso de regalias e privilégios para outros.

Há um movimento crescente nas escolas para se discutir essas questões, quebrar certos paradigmas, ainda com muita dificuldade. Antonio Flávio Moreira e Vera Maria Candau afirmam que:

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar.  
(CANDAU; MOREIRA, 2013, p. 16).

A escola tem tratado a questão da igualdade com um discurso de que “somos todos iguais”, plasmando as diferentes identidades de cada um, deixando à margem a questão da pluralidade cultural e, assim, não se endereçando a determinados grupos, acentuando a desigualdade ao invés de combatê-la. A busca pela igualdade deveria passar pelo reconhecimento das diferenças primeiro, acolhê-las no grupo como fator de soma e não ignorá-las ou tentar padronizá-las.

Além disso, esse discurso de igualdade se revela, na prática, injusto, ao tratar igual empregada e o patrão, como foi observado por Gilberto Dimenstein em seu livro *Cidadão de Papel* (2003, p. 67). Todos pagam a mesma quantia de impostos sobre um produto comprado no mercado, tanto a empregada como o patrão, mesmo que a diferença entre seus salários seja enorme. O trabalhador de classe média

paga praticamente 40% de seu salário em impostos cobrados pela Receita Federal, que são debitados automaticamente de suas folhas de pagamento. Enquanto, entre alguns daqueles que pertencem à classe mais abastada, presenciamos uma grande quantidade de empresários adeptos à prática da sonegação de impostos, conforme afirma o autor supracitado.

É preciso frisar as diferenças, conhecer suas realidades, dar voz a elas para que o discurso da igualdade leve em consideração as necessidades específicas de cada grupo e as situações, que em seu princípio, já estavam desniveladas, não sejam tratadas da mesma forma.

Moreira e Candau admitem ainda que abrir espaço, reconhecer a pluralidade cultural onde se encontram as mais diversas crenças, condições econômicas e gêneros na escola - e se endereçar a elas, levá-las em consideração - pressupõe relações possivelmente conflituosas, uma vez que existe um histórico de relações de poder e hierarquia permeando diferentes grupos, melhores condições. Mediar esses conflitos deveria ser papel da escola, mas nunca na função de silenciá-los.

## **LIBERDADE**

Se a questão da igualdade é problemática dessa forma, o que diremos da liberdade, se não é, no mínimo, uma coisa ilusória em nossa sociedade?

Muitas conquistas já foram realizadas e, consequência disso, a maior parte da população, hoje em dia, tem a liberdade de se organizar e lutar por melhorias no trabalho ou cobrar o governo. Mesmo que tenhamos episódios lamentáveis de repressão policial em manifestações há bem pouco tempo. De todo modo, em termos históricos, o fato de pessoas se reunirem em uma praça e protestar já foi algo impensável e, por isso, podemos ainda afirmar que avançamos nesse sentido, e conquistamos alguma liberdade.

O direito ao voto, atualmente, é mais democrático em comparação há décadas atrás. Foi uma conquista que surgiu aos poucos e podemos observar as condições para votar de forma consciente são ainda muito precárias.

Ter liberdade pressupõe que haja também possibilidades de escolhas e não uma indução a ela. Ou seja, que o indivíduo seja capaz de pensar por si próprio, analisando o que é melhor para si e para sua comunidade em geral, sem as

influências de terceiros e sem precisar levar em consideração uma possível questão de sobrevivência, como ainda acontece muito, principalmente em épocas de eleição. Além disso, falta também a liberdade do indivíduo de se saber autônomo. Saber que pode pensar e chegar a conclusões individualmente, mesmo fazendo parte de uma gama coletiva, onde se é naturalmente influenciado por outros pensamentos, e, acima de tudo, saber escolher o que faz sentido, as ideias que lhe representam e dialogam com a visão de mundo que deseja construir. Esta é uma questão que está totalmente ligada aos desafios que a educação enfrenta atualmente. “A ausência de uma população educada tem sido sempre um dos principais obstáculos à construção da cidadania civil e política” (CARVALHO, 2004, p. 11).

Somos afetados por um turbilhão de imagens e ideias ligadas ao consumo, que tenta nos seduzir a todo o momento, e não é raro vermos ideias e comportamentos que se repetem em grupos sem a menor criticidade, revelando o poder de indução dos meios de comunicação da estrutura capitalista a qual todos estamos suscetíveis. Tudo isso, fruto da dinâmica atual, coloca a questão da liberdade por debaixo dos panos. Ela é uma possibilidade que existe, mas parece muito fácil vê-la escorrendo por entre os dedos.

A liberdade pode ser ilusória, pois ela ainda não é um fato que existe plenamente na sociedade, mas a construção desse valor como elemento fundamental para se alcançar uma sociedade justa para todos é matéria que se pode tocar no aqui e agora ser mais desenvolvida e aprofundada.

Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental. Criar ambientes, condições, práticas para que o aluno tenha a possibilidade de expressar sua forma de ver o mundo, ser confrontado por outras formas de enxergar, exercendo o diálogo, a criticidade e o respeito aos limites do outro, a escuta atenta e a empatia. São formas que a escola pode buscar para o desenvolvimento da noção e prática da liberdade.

## **PARTICIPAÇÃO**

Existe participação social quando os indivíduos tomam parte nos processos decisórios a respeito das questões públicas que envolvem o dia-a-dia da população, é sob este aspecto que nos debruçamos aqui. É fato que existe uma grande parte da população que não está envolvida nesse processo.

Parte disso se dá por conta da má formação histórica dos indivíduos, dos direitos que lhes foram roubados. Não havendo consciência sobre isso não haveria como combater o problema, afinal, a história tem mostrado que toda a transformação, toda luta popular, nasce primeiro de uma ideia, da sensação de injustiça, de uma consciência dos direitos, depois é que se dão as formas de organização e, em seguida, prática.

A liberdade no Brasil foi sendo conquistada tardiamente. Mesmo depois da abolição do trabalho escravo, a consciência de direitos demorou a chegar. Foi através da influência do anarquismo europeu, vinda de imigrantes que trabalhavam na indústria, que os trabalhadores começaram a cobrar melhorias nas condições de trabalho. Com o governo de Getúlio Vargas, muitas das reivindicações dos trabalhadores se tornaram leis, a maior conquista foi a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). A participação e formas de organização política também aumentaram, com o surgimento de novos partidos e grupos organizados como a UNE (União Nacional dos Estudantes).

Com esses avanços é potencializado também o sentimento de pertencimento à nação, de percepção da importância do trabalho que se exercia, do valor individual do cidadão, aguçando um olhar mais atento para as questões públicas que estavam acontecendo.

Com o Golpe de 1964, o direito de se expressar é vetado, configurando um retrocesso em uma prática que já havia sido antes conquistada. Mesmo assim, muitos grupos tentaram se organizar e se manifestar contra o governo, atos que foram duramente reprimidos, surgindo, então, grupos armados, que viam na guerrilha uma alternativa para barrar as ações do Estado. Muitos desapareceram, foram presos, mortos e torturados.

No final deste nebuloso período, surgiram importantes manifestações de participação política. O MST foi a maior delas. O grupo dos Sem Terra que, ainda hoje, luta por um espaço onde possam plantar e assentar morada em terras

improdutivas dos grandes latifúndios é a representação de uma camada popular da sociedade que têm lutado para forçar o Estado a cumprir sua obrigação e garantir o direito básico à moradia.

Além do MST, surge no período de redemocratização e se intensificam as atividades no Movimento Negro, Feminista e LGBTQ aumentando o interesse e participação política da sociedade pelas questões dos direitos humanos. Em 1984, o povo sai às ruas pedindo eleições diretas para presidente, evidenciando a crise em que se encontrava o regime militar. Foi um dos marcos no que diz respeito à participação política da população no Brasil.

Com a chegada do século XXI, o Brasil também sente os efeitos da globalização e, neste quesito, a internet tem sido um instrumento não só de alienação, mas de movimentação e organização política. Em 2013, as redes sociais foram as principais responsáveis por viabilizar a organização da sociedade civil no ato contra o aumento da passagem do transporte público, fato que mobilizou todos os estados brasileiros.

Se por um lado vivemos as benesses de um mundo globalizado, por outro, há uma imensa camada que não tem acesso a essa e outras tecnologias. Enquanto todos não forem iguais em direitos e oportunidades não haverá uma sociedade justa. Isso é problema de todos.

Assim seguem os direitos humanos no Brasil, com suas leis justamente arquitetadas numa prática contraditória. Acreditamos que a educação é uma maneira de mudar esse quadro. “Educar para a cidadania é educar para uma democracia que dê provas de sua credibilidade de intervenção na questão social e cultural” (CANDAU, 1995, p. 14).

A escola pode ser um lugar para se construir conhecimentos e valores humanitários. Pode ser um espaço de diálogo, sensibilização e práticas de projetos, de atividades que estimulem o aluno a colocar suas ideias em movimento, vê-las nascer e criar ações. É muito importante vermos que nossos pensamentos são capazes de provocar ecos que podem ser tocados. O teatro tem potencial para ser a própria manifestação dessa ideia e é sobre ele que se refere o próximo capítulo.

## 2. O TEATRO NA ESCOLA

O teatro, dentro do ambiente escolar, pode trazer muitos benefícios para o aluno que o pratica como também para o coletivo no qual está inserido. Pois em sua prática estão incutidos valores caros para a convivência em sociedade e formação da cidadania e esses valores são estimulados na aprendizagem teatral.

Estar em contato, fruir e florescer nessa arte já é por si só uma possibilidade de experiência, de encontro com um universo criador no qual a fonte de criação é o próprio indivíduo e por isso é que o teatro não necessitaria de mais justificativas para existir dentro da escola. Afinal, criar sempre foi e continua sendo um desejo humano. Porém o teatro, além de ser essa possível potência criadora e prazerosa tem, em seu cerne, valores intrínsecos que vão de encontro com os parâmetros e objetivos da arte na escola. “A aprendizagem em arte precisa alcançar a experiência e a vivência artística como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores”. (BNCC, 2017, p. 193)

Aqui, nos interessa analisar esse viés social do teatro e, mais especificamente, como a tríade: liberdade, igualdade e participação, descrita pelo cientista político e historiador José Murilo de Carvalho como valores que constituiriam uma possível cidadania plena, aparecem na dinâmica do fazer teatral.

A aprendizagem no teatro acontece em grupo. É no encontro com o outro que se estabelece o jogo teatral, método de ensino frequente no teatro. No jogo, não há condições ou pré-requisitos para dele participar, ele abarca todo indivíduo que tenha vontade de experimentá-lo.

Os limites dos jogos são maleáveis, suas fronteiras largas, pois a criatividade e a imaginação são próprias do fazer teatral. Assim, é possível, se necessário, alterar sua dinâmica e atender às necessidades de cada grupo garantindo a participação de todos, característica intrínseca no teatro.

Essa flexibilidade é um dos elementos que torna o espaço da aula democrático, pois confere espaço, respeita e preserva as individualidades dentro do grupo em suas mais variáveis pluralidades, permitindo o acesso a todos.

Nele, raramente se estabelece um objetivo puramente competitivo. Suas finalidades estão - muito pelo contrário - voltadas para um aprimoramento do grupo como um todo, sejam quais forem os objetivos específicos de cada jogo.

A competição está em nossa sociedade atual de diversas formas. Em todas as faixas etárias ela é estimulada, afinal nossa engrenagem social não permite espaço para que todos tenham uma vida digna, como vimos no primeiro capítulo.

O jogo teatral resgata um pouco dessa dignidade, visto que existe um espaço reservado para cada um no jogo e não existem ameaças de que esse espaço seja tomado ou a sensação de que é preciso lutar para consegui-lo. Devido a essa característica, os indivíduos podem se concentrar em problemas de outra ordem. Em cada jogo existe um problema a ser solucionado, onde o participante coloca seu foco nesta questão.

Através da ludicidade do jogo é que se desenvolvem muitas práticas que colaboram para o aprimoramento da comunicação, imaginação, criatividade, criticidade, rapidez dos reflexos e expressão corporal. É no corpo em que se processa toda transformação, já que ele é o objeto de investigação e de criação no teatro.

Por isso, é preciso conhecer esse corpo, suas emoções, medos, travas e ideias e é nessa busca, nesse querer se desvelar, que se ganha consciência de si mesmo, enquanto indivíduo e cidadão capaz de se transmutar e afetar o seu entorno. Portanto, adquirir esse conhecimento de si, exercício que o processo no teatro nos convida a fazer, pode ser necessário para que outras ideias não sejam facilmente impostas ao indivíduo, como o mundo contemporâneo sugere através de seus meios de comunicação e dos próprios indivíduos do círculo social afetados por esses meios.

Em outras palavras, esse conhecimento de si possibilita a construção de um caminho em direção à segurança, para que o indivíduo saiba distinguir com firmeza que tipos de comportamentos e ideias representam sua forma de pensar e sentir o mundo e, também, como atuar nele, podendo assim, fazer escolhas com mais autonomia, mais liberdade.

O ritmo de cada aluno deve ser respeitado. O que importa são suas descobertas e evoluções durante o processo, onde todos tendem a progredir juntos. O jogo teatral e/ou a própria montagem de uma peça estimula a percepção e reconhecimento de si e do outro colaborando na construção dessa segurança pessoal.

São inúmeras as possibilidades de se criar jogos para o teatro. A autora e diretora de teatro norte americana Viola Spolin deu a maior contribuição já registrada nessa área ao sistematizar, em seu livro *Improvisação para Teatro*, muito de seus jogos. São muitos os objetivos dos jogos que Spolin organiza: jogos de memória, concentração, ritmo, ocupação/percepção do espaço, percepção do outro, improviso, construção de personagens entre outros; e, muitas vezes, cada jogo reúne mais de um desses objetivos, estimulando diversas habilidades.

Viola Spolin, em seu fichário, divide cada jogo em: preparação, foco, descrição, instrução, avaliação e áreas de experiência. Assim, tanto um professor de teatro, ator ou qualquer pessoa que tenha curiosidade de experimentar o teatro encontra um manual que poderá auxiliar no processo.

É possível ainda adaptar seu conteúdo e o ideal é que nenhuma prática teatral se feche ou se resuma nesse manual, afinal, a liberdade ou a busca da liberdade compõe a essência da prática no teatro.

Não existem, nos jogos, maneiras certas e erradas de se jogar e sim regras. As regras preservam a liberdade do indivíduo, pois todos sabem que podem se expressar e se envolver com o jogo da sua forma, desde que respeitem as regras combinadas e, dessa forma, haja uma garantia silenciosa de que todo o resto é permitido.

O medo do julgamento (próprio e dos outros) lentamente abandona os jogadores na medida em que bom/mau, certo/errado revelam ser as correntes que nos prendem, e logo desaparecem do vocabulário de todos. Nesta perda do medo reside o alívio, neste alívio reside o abandono dos autocontroles restritivos (autoproteção). Quando o aluno se entrega a uma nova experiência, ele confia no esquema e dá um passo ao encontro do ambiente.

(SPOLIN, 2010, p. 24).

Não há o que temer, esconder ou afobar, pois a única coisa possivelmente proibida está nas regras combinadas do jogo e do espaço da aula como um todo. A regra é uma espécie de âncora que mantém o grupo uno.

Ou seja, com a certeza de que não vai se perder, se isolar ou ficar à margem, o indivíduo participa com liberdade de ser quem é amparado pelo grupo que enxerga nele um elemento fundamental e indispensável no processo.

No jogo teatral existe também o foco ou problema a ser solucionado. Quando o aluno canaliza sua energia na resolução de um problema do jogo, ele organiza e articula forças e entendimentos internos para conseguir manifestar a ação que vai resolver o problema. Quando isso é feito em grupo, a noção de harmonia e respeito pode ser percebida com facilidade, pois todos notam a eficácia na realização das ações conjuntas, bem como o prazer que envolve a dinâmica, o que fortalece a confiança e o elo dos participantes. Além do mais, o fato de não existir certo e errado dá à dinâmica teatral um leque de muitas possibilidades de se realizar uma ação ou expressar uma ideia.

Ter indivíduos diferentes uns dos outros e com maneiras diversas de se colocar é uma oportunidade de aprender mais sobre as formas de realizar aquela ação, bem como respeitar a maneira inerente de cada um de ser e estar no mundo. Nota-se que não há hierarquias, nem padrões para se conquistar. O espaço é igual para todos e o entrosamento das diferenças é que compõe a riqueza de um grupo. As descobertas de si e do outro ajudam a ler a realidade ao redor.

A necessidade da colaboração do outro no jogo e não o ter como adversário constrói a percepção e o entendimento de que a ação conjunta, que a soma dos esforços, além de ser eficaz nos objetivos propostos pelo jogo, pode também ser prazerosa. Sendo, então possível colocar-se, envolver-se em uma situação de maneira completa, pois existe a certeza de que cada um é necessário no jogo.

Nessa troca, há muita cumplicidade e o jogo, que é um ato visível, fortalece um universo interior de cada participante. É possível notar isso com algum tempo de prática, onde a maneira de se colocar de cada um, geralmente, parece se tornar mais segura, mais solta e prazerosa, sua voz, postura e ideias ganham tônus, pois existe o espaço de cada um que se mantém preservado.

Dessa forma é que a participação, um valor intrínseco no teatro, vai, aos poucos, se tornando mais ativo. Ou seja, com a confiança no grupo e a segurança de si, os pensamentos e proposições vão se tornando mais conscientes. Na medida em que percebem a importância de se fazer parte dos processos decisórios, na liberdade que o indivíduo enxerga naquele espaço para fazê-lo, bem como a igualdade de direitos presenciados dentro daquele espaço.

O indivíduo percebe que suas ideias ecoam e se tornam palpáveis no teatro, quando ele resolve participar de maneira ativa, embora não seja para todos que isso

aconteça logo no início. Para alguns, é preciso mais tempo para confiar no grupo, entender o processo para colaborar com uma participação mais entusiasmada no grupo. Para outros, no entanto, isso se dá logo nas primeiras semanas.

É preciso respeitar o tempo de cada aluno e criar estímulos para que ele participe, nunca o forçando ou expondo-o, visto que isso seria terrível, sugere indício de autoritarismo que invadiria a liberdade individual. É preciso também, tentar se aproximar de cada um e perceber suas necessidades.

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada.

É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem que estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 1997, p.121).

É muito comum vermos, por exemplo, um aluno mais quieto, aparentemente não conectado com o que está acontecendo na aula, ou outro que se nega a participar de determinadas dinâmicas e que com o passar do tempo dá contribuições valiosas para a turma. Isso porque cada um tem sua maneira de participar, estar fora do jogo e observar, às vezes, também é uma maneira interessante de participação e é preciso respeitar as variáveis formas de manifestação.

A seguir, veremos um estudo de caso onde será narrado, em primeira pessoa, o processo das aulas de teatro, dos jogos e exercícios realizados durante o ano letivo de 2019, assim como a escolha da peça, o processo de montagem, o dia da apresentação e entrevista com os alunos após a apresentação.

### 3. EXPERIMENTO COM OS ALUNOS

Neste capítulo, abordaremos o teatro no contexto da rede particular de ensino, mais especificamente no colégio Friburgo, situado na Zona Sul de São Paulo, em Santo Amaro/Granja Julieta, no qual sou professora de teatro há cinco anos. Os alunos do colégio pertencem majoritariamente à classe média e média alta. Aqui, pretendo analisar e refletir como a tríade - liberdade, igualdade e participação - se fez presente nas aulas deste ano com a turma composta por sétimos e oitavos anos.

No Colégio Friburgo, as aulas de Teatro são oferecidas no contraturno e o aluno tem a opção de escolhê-la dentre outras atividades como: esgrima, kung fu, música, circo, entre outras. Assim, o aluno que foi matriculado nas aulas de teatro, o fez por escolha própria, já exercendo sua liberdade.

Trabalhei com uma turma de quatorze alunos, com uma aula de uma hora e quarenta minutos de duração por semana, onde todos ali tinham o interesse no teatro. O ano foi de muita troca entre todos. Muitas descobertas e aprendizados. Fico pensando em como obter a mesma qualidade em outros espaços, que oferecem outras condições, como o tempo muito reduzido de aula e mais que o dobro de alunos. Porém, essa é uma das reflexões que esse trabalho trouxe à tona e que apresentou um novo desafio para mim.

Por ora, nos concentramos no experimento feito no teatro do Colégio Friburgo. Começamos o ano com os jogos teatrais. Muitos jogos de integração com o objetivo de trazer entrosamento e confiança entre a turma. Desde o começo, sempre tinha um aluno do ano anterior que dizia, logo no início: “vamos fazer mocinhos da Europa?”, “vamos fazer quatro cantos?”, “vamos fazer ruas e vielas?”, jogos já conhecidos por eles. Foi preciso equilibrar as vontades entre aqueles alunos ávidos em fazer seus jogos preferidos e aqueles que estavam chegando e precisavam também conhecer jogos e brincadeiras que, em meu planejamento, considerei essenciais para a compreensão do que faríamos ali em aula. Nesse momento, uma conversa sincera foi suficiente para todos entenderem e respeitarem o tempo da aula. “Vamos seguir o planejamento de hoje, afinal têm gente que nunca fez teatro e, no final da aula, faremos esse jogo. Tudo bem?”.

Passamos por jogos de memorização, integração, jogos não verbais, de percepção e ocupação do espaço, de percepção do próprio corpo e do corpo do outro, construção de cenas improvisadas, concentração entre outros.

Desde o início das aulas, os alunos sabiam que fariam uma montagem teatral para ser apresentada no fim do ano. Muitas vezes, ao final da aula, fazíamos uma roda para que cada um colocasse suas impressões, dúvidas, ideias ou qualquer coisa que quisessem falar. Sempre surgia, nesse momento, uma ideia de história para ser encenada, tanto de minha parte como da parte dos alunos.

Fizemos muitos jogos teatrais e, em muitos destes, havia muitas construções de cenas improvisadas. A essa altura o grupo tinha uma boa afinidade entre si. Era muito comum as improvisações ganharem asas e os alunos mergulharem na criação ao ponto de não quererem parar, mesmo ao sinal de “vão procurando agora um fechamento para essa cena” ou mesmo quando o horário do intervalo era acionado. Saíam brincando com seus personagens, ao passo que outros paravam para dizer em uma nítida empolgação “na próxima aula podemos continuar da onde a gente parou?”.

Foi em um exercício dado em sala de aula que o grupo foi enfático comigo “queremos criar nossa própria peça”. O exercício partiu de uma música do compositor brasileiro de trilhas sonoras, Antônio Pinto. Durante a audição da faixa instrumental “*Conscience*”, pedi para que cada um escrevesse palavras soltas em um papel, o que a música sugeria. Poderiam ser ideias, imagens e sensações. Depois, em grupo, eles partilhavam o que cada um escreveu e novamente a música seria tocada, mas agora em grupo, ouviriam com o foco em imaginar um lugar, personagens nesse lugar e o quê estariam fazendo. Contemplando assim, os conceitos criados por Stanislavski em Onde, Quem e O quê, usados também por Spolin em seus Jogos.

As cenas que saíram desse exercício envolviam temas como gangues e humanos com superpoderes. No final da aula seguinte, apareceu uma ideia que agradou o grupo todo: criarmos uma história entre vilões e heróis. Decidido isso, todas as outras aulas foram pensadas, em algum momento dela, de levantarmos a história. O grupo entrava em ebulição nas rodas de discussão, perguntei quem poderia me ajudar a anotar todas as ideias que rapidamente eles iam contando. Três alunas se prontificaram a ajudar a anotar, formular as ideias que os colegas

contavam e me mandar por e-mail para que eu também revisasse e imprimisse para turma. Quando íamos experimentar as cenas discutidas na roda sempre surgiam coisas novas que incluíamos em nossa dramaturgia. A essa altura, já tínhamos debatido, escolhido e experimentado os personagens e o conflito da peça.

Eis uma breve sinopse da peça que se completou: “Escola de Heróis”. Em uma escola para heróis, havia ali também vilões com planos de roubar os superpoderes dos colegas de sala. Para isso, inventaram uma cabine de fotos que sugaria os poderes de quem se arriscasse a entrar nela. O dia do baile era a ocasião perfeita, afinal todos iriam gostar da ideia de registrar aquele grande dia. Tudo pronto para o baile, o plano segue seu curso, todos os heróis entram na cabine e tiram uma foto, menos uma. Camile que têm o poder da invisibilidade com sua capa mágica. Desconfiada daquela cabine e na hora em que todos estão tirando as fotos, decide sair da festa, e continuar à espreita. Todos os heróis estão no chão, exauridos, sem forças depois das fotos. Camile chega ao local da festa e grita “amigos, essa cabine roubou o poder de vocês”, ao passo que Bart, um vilão retruca aos risos “E daí o que vocês podem fazer?”. Camile nesse momento fica invisível, ouve-se um “protejam a máquina!” e Camile, invisível, se adianta e a derruba no chão destruindo-a, devolvendo os poderes para seus colegas. Começa a guerra entre eles. A cena da guerra é “congelada” e o personagem da professora se dirige ao público “Essa foi uma luta histórica, não houve nem ganhadores nem perdedores... aquilo foi o início da luta entre o bem e o mal... humanos, que vocês saibam fazer as escolhas de vocês durante suas curtas vidas, porque essa guerra vai durar para sempre”. Música sobe e luz baixa, lentamente.

Essa história nasceu de um desejo em se aproximar do universo de heróis e vilões que editoras de histórias em quadrinhos como a Marvel criou. No início, eles queriam usar nomes e cenas vistas nos próprios filmes. É inevitável pensarmos a respeito da influência e imposição da cultura norte-americana no mundo. Porém, foi interessante notar o movimento dos próprios alunos se desvencilhando do apego em querer ser um daqueles personagens de supersucesso, para, então, criar o universo do seu próprio personagem. A liberdade foi cada vez mais tomando espaço, na medida em que percebiam a responsabilidade de criarem a própria história e o prazer de colocar no mundo as suas próprias ideias.

O ato de produzir, quando norteado pela intenção de criar algo que seja desfrutado na experiência imediata da percepção, tem qualidades que faltam à atividade espontânea ou não controlada. O artista ao trabalhar, incorpora em si a atitude do espectador. (DEWEY, 2010 p.128).

Ou seja, ao perceberem que na aula de teatro havia espaço para eles criarem uma nova história, na qual eles poderiam ser quem quisessem, inaugurou um processo crítico, onde sugeriam e experimentavam uma ação ou uma ideia, se percebiam mutuamente como criadores e responsáveis por uma obra. Isso implicava em uma constante construção e desconstrução, tanto das ideias que surgiam para colaborar com a peça como consigo mesmos, na medida em que o confronto com as outras ideias e formas de expressão ampliava o leque de possibilidades de como fazer e pensar aquele processo.

Esse espaço criado na aula, que tinha a preocupação em trazer métodos igualitários de aprendizagem, foi o que proporcionou a participação com entusiasmo do grupo, pois ali, o grupo se ouvia, se ajudava e, principalmente, respeitava as particularidades de cada um.

Começaram a aparecer questões como “professora, eu não sei como meu personagem é” ou “você acha que devo fazer isso?”, então pedi que criassem uma história para o personagem, onde ele nasceu, como foi sua infância, o que gosta de fazer e o que não gosta, quais coisas marcaram sua vida para ele/ela ter se tornado do jeito que é? A criação da história, muitas vezes, foi difícil para alguns que pareciam ter medo de deixar a imaginação fluir. “Não existe certo ou errado, ninguém vai te dizer isso aqui”, era preciso lembrá-los constantemente.

Com a criação da história, eles puderam viver aquele personagem com mais segurança e liberdade, tinham um ponto de referência, criado por eles mesmos. No início da aula, era sempre dito, durante alguns exercícios: “procure fazer essa ação como seu personagem” ou “Como ele anda? Como ele olha para o ambiente? Mostre!”. Aos poucos, fomos levantando as características dos personagens e as cenas que estavam envolvidos.

Fizemos um ensaio aberto para outros alunos da escola. No final, os alunos sentaram-se de frente para o público e conversaram a respeito da peça. Responderam as curiosidades, dúvidas e ganharam elogios da plateia.

No dia da apresentação final, muitos alunos estavam nervosos, reação típica para qualquer ator que vá se apresentar. O figurino não entrava numa das alunas, pois de uma semana a outra havia engordado. Outro aluno avisou que não viria na apresentação, estava com virose e no hospital. "Calma, tudo vai dar certo!" dizia aos alunos e a mim mesma. Enchemos de alfinetes o vestido, mandamos mensagens de apoio ao aluno debilitado, e faríamos outra apresentação, mas naquele dia tínhamos que nos apresentar, afinal muitos parentes vieram de longe para prestigiar a peça. Tudo bem, faríamos um plano B para substituir o aluno ausente.

Uma hora antes da apresentação todos estavam reunidos se caracterizando para entrar em cena, quando um dos alunos disse: "O Arthur vem! Não está bem ainda, mas vai chegar em cima da hora". Quando chegou, todos o abraçaram. Fizemos uma roda e de mãos dadas, nos olhando nos olhos, dissemos bem forte: "Eu seguro sua mão na minha, para que juntos possamos fazer, aquilo que eu não posso e nem quero fazer sozinho. Merda!".

Essa frase sintetiza a ideia dessa pesquisa. Não há hierarquia em uma roda onde todos estão de mãos dadas, juntos, e em condição de igualdade. Por existir essa condição, é que cada um pode ser quem realmente é. Com liberdade, onde cada um enxerga na participação do outro um elemento fundamental para todo o processo acontecer. E assim foi. Cada um com seu jeito particular envolvido com o trabalho colaborou com o grupo e finalizou aquilo que começou.

A apresentação saiu como o previsto e todos saíram com sorrisos largos naquele dia. Fizemos uma aula depois da apresentação com um piquenique de fechamento, com muitas histórias deste ano, no teatro e fora dele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imersa na lógica competitiva do sistema capitalista é que nossa sociedade produziu e continua produzindo as desigualdades sociais. Não é possível que tenhamos uma cidadania plena enquanto os direitos humanos de muitos grupos forem violados.

É nesse panorama que a escola enfrenta o desafio de formar indivíduos que estejam atentos a esse problema, que tenham senso de justiça, sejam seres críticos e se percebam como pessoas capazes de transformar o seu entorno. É necessário que a escola se posicione frente aos problemas atuais, criando espaços em que seja possível produzir, dentro dele, conhecimentos e saberes necessários para o combate da desigualdade. E que os métodos, para isso, sejam a própria representação de modelos de justiça, respeito e igualdade.

O teatro é a própria manifestação dessa ideia. Tê-lo na escola com profissionais engajados, que conduzam o processo visando o caminho para uma construção da cidadania, onde seus participantes percorram uma trilha em busca do autoconhecimento, do respeito alheio, da colaboração, do diálogo e de ações que promovam a transformação de ideias em atitudes é uma maneira de colaborar na formação de cidadãos capazes de atuar nesse mundo e lidar com as suas complexidades. Ou seja, o teatro cumpre sua função social, pois colabora na construção da cidadania plena, uma vez em que a tríade: Liberdade, Igualdade e participação, que fundamenta este trabalho, está intrínseca no fazer teatral e, por isso, toda escola, toda instituição tende a ter muitos benefícios com a presença dessa linguagem no currículo.

Não existe uma cidadania que seja plena, como vimos, porém, persegui-la é tarefa de todo indivíduo que deseja uma sociedade justa e igualitária. Os valores de igualdade, liberdade e participação, embora utópicos em suas práticas, são valores que podemos trabalhar aqui e agora. Todo profissional da área da educação, pode, no presente, incluir esses aspectos da cidadania em suas práticas e é nesse dia-a-dia, no passar de cada hora que estamos evoluindo, e cada educador deve visualizar para onde.

Nesse sentido, o teatro rema contra a corrente competitiva e autoritária de nossa sociedade. Que lance luzes, que ganhe cada vez mais espaço e continue sendo essa possibilidade transformadora nas relações humanas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASE NACIONAL COMUM CURRÍCULAR. Site:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em 18 de dez.de 2019.

CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil: O longo Caminho*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CANDAU, Vera Maria et al. *Tecendo a cidadania: oficinas pedagógicas de direitos humanos*. 2 ed. Petrópolis: Vozes,1999.

MOREIRA, Antônio Flávio, CANDAU, Vera Maria. *Multiculturalismo*.10.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O Cidadão de Papel: A infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil*. 20.ed. São Paulo: Ática, 2003.

DEWEY, John. *Arte como Experiência*. [S.d]. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia Da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra,1996.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

## ANEXOS

### DEPOIMENTOS DOS ALUNOS

Após a apresentação da peça, em uma roda de conversa os alunos foram questionados com as seguintes provocações: o que acharam de fazer teatro nesse ano? Como foi o processo? Houve liberdade para colocar suas ideias e se expressarem do modo como quisessem, do seu jeito? Sentiram-se acolhidos pelo grupo? Houve igualdade entre os participantes? Como foi a interação enquanto grupo?

Abaixo, um recorte da conversa que tivemos. Entre 14 alunos, nove participaram com depoimentos:

“Eu gostei muito, os jogos me ajudaram a perder a timidez, estou mais segura... mas eu ainda sou muito tímida... Criar a peça foi legal, diferente, acho que todo mundo ajudou. Por isso que foi bom”.

Maria Luiza Fernandes, 13 anos.

“Eu acho que houve igualdade na criação da peça, foram feitas várias discussões em que todos podiam dar sua opinião e sugestão, que foram ouvidas pelo grupo, todos tivemos a oportunidade de ajudar a criar... Aprendi muito aqui, eu acho que foi um espaço que eu até me forcei um pouco para me abrir, para fazer o meu melhor. Todo mundo foi muito aberto. Eu consegui conversar e ter um espaço para mostrar minhas ideias”.

Marina Beréa Xavier, 14 anos.

“O ano foi bem legal. Interessante, diferente. Consegui colocar minhas ideias. No dia da apresentação passei mal, vomitei em casa, mas eu tive que vir porque eu fazia parte do grupo, né! Durante a peça, eu passei só um pouquinho mal, senti muito calor, enjôo, senti que precisava de ar fresco e tirar aquele casaco, mas fui melhorando aos poucos depois, foi um processo”.

Arthur Readi Kautz, 13 anos.

“Eu gostei bastante de fazer as brincadeira (*sic*) e improvisações, eu tenho memórias bem legais de brincadeiras que a gente fez... A gente aprende a se comunicar melhor com os outros, né? Eu já tenho essa facilidade, mas vejo que tem gente que melhorou muito. Tipo, ano passado, a Camila não fazia tantas ações, não falava tão alto, ela é um exemplo de pessoa que evoluiu bastante; a Gi também falou bem alto esse ano, foi mó (*sic*) bonito. Eu fui bem acolhida pelo grupo. Quando a gente tá (*sic*) no teatro a gente tem todo o direito de se expressar de falar daquilo que a gente gostou ou não gostou, se a gente quer mudar ou não quer mudar, então no teatro eu me sinto livre pra falar o que eu quero”.

Beatriz Sutto Bianco, 14 anos.

“Eu já faço teatro há cinco anos e foi bem diferente do que eu fazia antes, antes era todo dia aquecimento ou um dia inteiro de brincadeira, aqui todo dia tinha um pouco de jogo e brincadeira, mas sempre tinha um foco para a peça. Dessa maneira a gente aprendeu a improvisar, pois a gente foi levantando a história aos poucos, não estava preso no roteiro... Sempre consegui colocar minhas ideias, era meio que uma democracia porque a gente tinha que escolher o que a maioria queria e não aconteceu nada de injustiça, de alguém não poder falar, todos puderam falar o que pensavam. Se tivesse alguma coisa que alguém não gostasse do personagem dela ela podia trocar, tinha certa liberdade... era até fácil, era só falar: ‘gente eu não to gostando quero mudar o meu poder’ e a gente conversava”.

Théo Rodrigues da Costa, 13 anos.

“Eu acho que agora eu tenho muito mais liberdade, muito menos vergonha, consigo me expressar mais no palco e esses jogos ajudaram bastante, porque antes eu tinha vergonha de me apresentar para os meus próprios colegas... Todo mundo participou, no começo algumas pessoas pensavam que não eram tão importantes, acho que a pessoa pensava isso por causa do número de falas dela, mas isso mudou com o tempo e todo mundo acabou se empenhando... O teatro valoriza muito o potencial de cada um, acho que todo mundo cresceu muito, dá pra ver a evolução, até aqueles que não mudaram muito cresceram também no seu ritmo”.

Giovana Chiquete, 14 anos.

“Eu achei que eu melhorei muito. Antes, acho que eu não tinha muita expressão, os jogos foram ajudando, tanto no palco como na forma de escrever. Teve uma aula sobre cultura brasileira que a gente teve que fazer uma paródia de uma música em casa, aí eu fiz e acho que influenciou muito, acho que consegui libertar o sentimento Sem medo sabe?”.

Lorena Estanislau do Valle, 13 anos.

“Eu amei os jogos e as brincadeiras da aula... No começo foi meio tenso, a construção da nossa história, porque eu ia pra casa e tinha que revisar, mas depois gostei, foi uma experiência muito legal... Eu sempre consegui colocar minhas ideias para o grupo, não sei como foi para os outros... assim... eles me acolheram muito bem, foi um grupo muito legal”.

Helena Bérea Xavier, 14 anos.

“O que eu senti é que o grupo tinha muita união e se ajudava em muitos momentos... Eu fiquei responsável em ajudar na revisão da peça, mas as meninas ajudaram muito nessa parte também... tinha muita liberdade para a gente colocar nossas ideias e ser quem a gente é. Como eu posso dizer... tem espaço pra abrir o coração, todo mundo teve seu espaço para brilhar... teve alguns momentos que não era todo mundo que participava, mas aí em vários momentos todo mundo mostrava do que era capaz”.

Yasmim Silveira Torres, 14 anos.